



Joseph Roth

**A MARCHA
DE RADETZKY**

«A obra de Joseph Roth constitui, juntamente com a de Kafka e a de Robert Musil, o melhor contributo da literatura de língua alemã para a ficção do século xx.»

The New Yorker



cavalo de ferro

PRIMEIRA PARTE

Os Trotta eram uma linhagem recente. O seu antepassado acedera à nobreza após a batalha de Solferino. Era esloveno. Sipolje – o nome da aldeia de onde era natural – passou a ser o seu título nobiliárquico. O destino escolhera-o para um feito excepcional. Porém, ele arranjou maneira de os tempos vindouros o fazerem desaparecer da memória. Na batalha de Solferino, como tenente de infantaria, comandava um pelotão. A batalha estava em curso havia uma meia hora. Três passos à sua frente, ele via as costas brancas dos seus soldados. A primeira fileira do seu pelotão estava de joelhos, a segunda, de pé. Estavam todos bem-dispostos e seguros da vitória. Tinham comido abundantemente e bebido aguardente a expensas e em honra do Imperador, que, desde a véspera, se encontrava no campo de batalha. Aqui e ali, havia um que caía na fileira. Trotta saltava rapidamente para cada espaço aberto e disparava com as espingardas abandonadas pelos mortos e feridos. Ora tornava mais compacta a fileira desbastada, ora a voltava a estender, espreitando para muitas direcções com um olhar aguçado ao cêntuplo, escutando para muitos lados com um ouvido atento. No meio do crepitar das espingardas, o seu ouvido fino apanhava as raras, mas claras vozes de comando do seu capitão. O seu olhar penetrante trespassava a névoa cinzento-azulada que pairava em frente das linhas do inimigo. Nunca atirava sem apontar e cada um dos seus disparos era certo. Os homens sentiam a sua mão e o seu olhar, ouviam o seu chamamento e sentiam-se seguros.

O inimigo fez uma pausa. Ao longo de toda a incomensurável extensão da frente, perpassou a ordem:

– Cessar fogo!

Aqui e ali ainda fez barulho uma vareta de espingarda, aqui e ali ainda estalou um tiro, atrasado e solitário. A névoa cinzento-azulada entre as duas frentes dissipou-se um pouco. De repente sentia-se o calor meridiano de um sol prateado, encoberto, de trovoadas. Então apareceu, entre o tenente e as costas dos soldados, o Imperador, com dois oficiais do Estado-Maior. E ele ia, justamente, levar aos olhos uns binóculos de campanha, que um dos seus acompanhantes lhe passara. Trotta sabia o que isso significava: Mesmo admitindo que o inimigo se encontrasse em retirada, a sua retaguarda estava com certeza voltada para os Austríacos e quem pegasse nuns binóculos de campanha dava-lhe a conhecer que era um alvo digno de ser atingido. E o alvo era o jovem Imperador. Trotta sentiu o coração subir-lhe à garganta. O medo da catástrofe inimaginável, incomensurável, que o aniquilaria a si próprio, ao regimento, ao exército, ao Estado, ao mundo inteiro, fez com que corresse suores frios pelo seu corpo. Os seus joelhos tremiam. E o eterno ressentimento do oficial subalterno combatente contra os grandes senhores do Estado-Maior, que não tinham qualquer noção da dura realidade prática, ditou ao tenente aquela acção que inscreveu de forma indelével o seu nome na história do seu regimento. Ele agarrou com ambas as mãos nos ombros do monarca para o puxar para baixo. O tenente agarrara-o talvez com demasiada força, pois o Imperador caiu imediatamente. Os acompanhantes precipitaram-se sobre ele. Nesse momento, um tiro trespassou o ombro esquerdo do tenente, aquele tiro, precisamente, que se destinava ao coração do Imperador. Enquanto este se levantava, caía o tenente. Por todo o lado, ao longo de toda a frente, despertou o estralejar confuso e irregular das espingardas, arrancadas ao torpor pelo susto. O Imperador, embora impacientemente instado pelos seus acompanhantes a deixar aquele

sítio perigoso, inclinou-se mesmo assim para o tenente caído e, atento ao seu imperial dever, perguntou ao homem desmaiado, que já nada ouvia, como é que se chamava. Um médico regimental, um sargento enfermeiro e dois homens com uma maca chegaram a galope, curvando as costas e baixando a cabeça. Os oficiais do Estado-Maior puxaram primeiro o Imperador para baixo e depois deitaram-se eles próprios no chão.

– Aqui, acudam ao tenente! – gritou o Imperador para o esbaforido médico regimental.

Entretanto, o fogo voltara a acalmar. O aspirante a oficial substituto postou-se à frente do pelotão e anunciou com uma voz clara:

– Eu assumo o comando!

De imediato, Francisco José e os seus acompanhantes ergueram-se, os enfermeiros prenderam cuidadosamente o tenente à maca e todos se retiraram em direcção ao posto de comando do regimento, onde uma tenda branca como a neve cobria o posto de primeiros socorros mais próximo.

A clavícula esquerda de Trotta estava desfeita. O projectil, que ficara retido precisamente sob a omoplata esquerda, foi retirado na presença do Supremo Chefe Militar e no meio da gritaria insuportável do ferido, a quem a dor havia despertado do desmaio.

Trotta ficou curado ao cabo de quatro semanas. Quando regressou à sua guarnição no sul da Hungria, possuía a patente de capitão, a mais alta de todas as distinções, a Ordem de Maria Teresa, e a nobreza. Chamava-se doravante: Capitão Joseph Trotta von Sipolje.

Como se lhe tivessem trocado a sua própria vida por outra, alheia e nova, fabricada numa oficina, ele repetia para consigo mesmo, todas as noites antes de adormecer e todas as manhãs depois de acordar, a sua nova patente e o seu novo estado, postava-se em frente do espelho e confirmava, para si próprio, que o seu rosto ainda era o antigo. Entre a desajeitada familiaridade com que os seus camaradas tentavam superar a distância que o incompreensível Destino colocara, de repente, entre eles e ele, e os seus próprios esforços

vãos no sentido de se comportar perante toda a gente com a costumada naturalidade, o capitão Trotta nobilitado parecia ter perdido o equilíbrio. Sentia-se como se estivesse condenado, de agora em diante e para toda a sua vida, a deambular sobre um chão escorregadio, calçando umas botas que não eram as suas, perseguido por falas sinistras e esperado por olhares acanhados. O seu avô ainda fora um pequeno camponês, o seu pai tinha sido sargento contabilista, mais tarde sargento da Gendarmaria na região da fronteira meridional da Monarquia. Depois de ter perdido um olho em combate com contrabandistas bósnios na fronteira, vivia como inválido militar e guarda do parque do palácio de Laxenburg, dava de comer aos cisnes, talhava as sebes, vigiava, na Primavera, o laburno e, mais tarde, o sabugueiro, para os salvar de mãos rapineiras, não autorizadas, e, em noites amenas, enxotava pares amorosos sem casa dos bancos ocultos por uma benéfica escuridão. A patente de vulgar tenente de infantaria parecia natural e apropriada ao filho de um sargento. Mas para o capitão nobilitado e condecorado, que andava por ali no esplendor alheio e quase assustador da graça imperial, como que envolto numa nuvem dourada, o pai biológico achava-se subitamente posto à distância, e o devido amor que o descendente dedicava ao velho parecia exigir um comportamento modificado e uma nova forma de relacionamento entre pai e filho. Há cinco anos que o capitão não via o seu pai; mas, de duas em duas semanas, quando, depois da ronda eternamente imutável, entrava de serviço, escrevia uma breve carta ao velho, no quarto de serviço, à luz escassa e instável da vela regulamentar, após ter visitado os postos de vigia, ter registado as horas da respectiva rendição e, na rubrica «Ocorrências Excepcionais», ter assinalado, enérgica e claramente, «Nenhumas», o que, por assim dizer, negava até qualquer ligeira possibilidade de ocorrências excepcionais. As cartas assemelhavam-se umas às outras como as licenças e as notas de serviço, escritas em folhas amareladas e com fibras lenhosas de papel oitavado, com a saudação «Querido Pai,» à esquerda,

a quatro dedos de distância da margem superior e a dois da lateral, principiando pela breve comunicação do bem-estar do autor da missiva, continuando com a esperança de que o destinatário também estivesse bem e concluindo com a imutável expressão consagrada, contida num novo parágrafo, posta artisticamente em baixo, à direita e em diagonal relativamente à saudação: «Com veneração, o seu leal e grato filho Joseph Trotta, tenente.» Mas como haveria uma pessoa, agora – tanto mais que, graças ao novo posto, já não tinha de tomar parte nos antigos turnos de serviço –, de modificar a forma regulamentar das cartas, prevista para toda uma vida de soldado, e meter entre as frases estandardizadas comunicações insólitas sobre situações que se haviam tornado insólitas, e que a própria pessoa ainda mal tinha percebido? Naquele início de noite sossegada em que o capitão Trotta, pela primeira vez desde que se curara, se sentou à mesa crivada de cortes e entalhes feitos pelas facas com que homens entediados haviam estado a brincar, a fim de cumprir o seu dever de correspondência, apercebeu-se de que nunca passaria além da saudação «Querido Pai». E encostou a pena estéril ao tinteiro, tirou um pedaço ao pavio bruxuleante da vela, como se esperasse obter da sua luz apaziguada uma inspiração feliz ou uma expressão adequada, e divagou suavemente, em recordações, para a infância, a aldeia, a mãe e a escola do Exército. Observou as sombras enormes projectadas por objectos ínfimos nas paredes nuas, caídas de azul, e a linha ligeiramente curva, reluzente, do sabre pendurado no gancho ao lado da porta e, metida pelo guarda-mão do sabre, a gargantilha escura. Escutou a chuva incansável que caía lá fora e o seu cantar tamborilante sobre o parapeito forrado de chapa. E pôs-se em pé, por fim, tendo tomado a decisão de visitar o pai na semana seguinte, depois da protocolar audiência de agradecimento junto do Imperador, para a qual o deviam destacar dentro de alguns dias.

Uma semana depois, o capitão Trotta seguiu directamente da audiência – que consistira nuns escassos dez minutos, não mais

do que dez minutos de graça imperial e aquelas dez ou doze perguntas lidas nos processos, às quais se tinha de responder, em rígida posição de sentido, um «Pois sim, Majestade!», como quem dispara um suave, mas resoluto tiro de espingarda —, de fiacre, para Laxenburg, para junto do seu pai. Encontrou o velho na cozinha da sua residência de serviço, em mangas de camisa, sentado à mesa bem aplainada, sem toalha, em cima da qual estava um lenço azul-escuro com orlas vermelhas, e tendo à sua frente uma grande chávena de café fumegante e bem-cheiroso. A bengala nodosa, castanho-avermelhada, de madeira de ginjeira, estava pendurada juntamente com a muleta na beira da mesa e baloiçava ligeiramente. Uma bolsa de couro engelhado com tabaco desfiado estava colocada, bem inchada e meio aberta, ao lado do longo cachimbo de barro branco, agora dourado e amarelado. A sua coloração condizia com o enorme bigode branco do pai. O capitão Joseph Trotta von Sipolje estava no meio daquela intimidade pobre e estatal como um deus militar, com um talabarte reluzente, um capacete lacado, que espalhava um brilho próprio, uma espécie de sol negro, calçando botas altas, lisas, fogosamente engraxadas, com esporas faiscantes, com duas fiadas de botões brilhantes, quase tremeluzentes, no dólman e abençoado pelo poder sobrenatural da Ordem de Maria Teresa. Estava, pois, o filho diante do pai, que se levantou lentamente, como se quisesse pela lentidão da saudação competir com o esplendor do jovem. O capitão Trotta beijou a mão de seu pai, inclinou ainda mais a cabeça e recebeu um beijo na testa e outro na face.

— Senta-te! — disse o velho. O capitão desafivelou partes do seu esplendor e sentou-se. — Dou-te os parabéns! — disse o pai, com a voz habitual, no alemão duro dos eslavos do Exército. Fez irromper as consoantes qual trovoadas e sobrecarregou as sílabas finais com pequenos pesos. Há cinco anos, ainda tinha falado esloveno com o seu filho, embora o rapaz só percebesse umas quantas palavras e, por si próprio, não proferisse uma única. Hoje, porém,

o emprego da sua língua materna era capaz de parecer ao velho, perante o filho que pela graça do Destino e do Imperador tanto se distanciara, uma audaciosa familiaridade. Enquanto o capitão estava atento aos lábios do pai, para saudar o primeiro som esloveno como algo remoto, mas familiar, e nativo, mas perdido. – Dou-te os parabéns, dou-te os parabéns! – repetiu o guarda, trovejando. – No meu tempo, as coisas nunca iam assim tão depressa! No meu tempo, ainda o Radetzky nos atormentava!

«Acabou-se, efectivamente!», pensou o capitão Trotta. O pai estava separado dele por uma pesada montanha de patentes militares.

– Ainda tem *rakija*, Senhor meu Pai? – disse ele, para confirmar o pouco que restava da comunhão familiar. Beberam, brindaram, tornaram a beber e, depois de cada bebida, o pai gemeu, perdeu-se numa tosse interminável, ficou roxo, cuspiu, acalmou-se lentamente e começou a contar histórias comuns do seu tempo como militar, com o indubitável intuito de minorar os méritos e a carreira do filho. Por fim, o capitão levantou-se, beijou a mão paterna, recebeu o beijo paterno na testa e na face, cingiu o sabre, pôs a barretina na cabeça e foi-se embora – com a firme consciência de ter visto o pai pela última vez nesta vida...

Fora a última vez. O filho escreveu ao velho as habituais cartas, mas já não havia nenhuma outra relação visível entre ambos. O capitão Trotta estava desprendido da longa série dos camponeses eslavos seus antepassados. Com ele, encetava-se uma nova linhagem. Os anos redondos iam rolando uns atrás dos outros como rodas iguais, sossegadas. Em conformidade com a sua posição social, Trotta casou com a sobrinha do seu coronel, já não muito nova, mas abastada, e filha de um governador distrital no oeste da Boémia, gerou um menino e usufruiu da constância da sua sadia existência militar na pequena guarnição. Ia todas as manhãs a cavalo para o campo de exercícios, jogava xadrez com o notário, à tarde, no café, acostumando-se ao seu posto, à sua posição

social, à sua dignidade e ao seu renome. Possuía uma aptidão militar mediana, da qual dava provas medianas todos os anos, aquando das manobras, era um bom marido, desconfiado em relação às mulheres, mantinha-se afastado do jogo, era rabugento, mas justo no serviço, inimigo feroz de toda a mentira, do comportamento pouco viril, da segurança cobarde, do louvor palavroso e dos vícios ambiciosos. Era tão simples e irrepreensível como a sua folha de serviços, e somente a cólera, que por vezes se apoderava dele, poderia levar um conhecedor da natureza humana a pressentir que também na alma do capitão Trotta se escondiam os abismos nocturnos em que dormem as tempestades e as vozes desconhecidas de antepassados anónimos.

Ele não lia livros, o capitão Trotta, e sentia pena, em silêncio, do seu filho, que ia crescendo e tinha de começar a lidar com lápis, ardósia e esponja, papel, régua e tabuada, e já tinha à espera dele os inevitáveis livros de leitura. O capitão ainda estava convencido de que também o seu filho viria a ser militar. Não lhe passava pela cabeça que (de agora até à extinção da linhagem) um Trotta pudesse exercer outra profissão. Se ele tivesse tido dois, três, quatro filhos — mas a sua mulher era débil, precisava de médicos e tratamentos, e a gravidez punha-a em perigo —, todos eles teriam vindo a ser militares. Nessa altura, o capitão Trotta ainda pensava assim. Falava-se de uma nova guerra, e ele estava pronto, todos os dias. Sim, parecia-lhe quase certo que fora escolhido para morrer numa batalha. A sua honesta simplicidade entendia a morte em campanha como uma consequência necessária da fama guerreira. Até que, um dia, deitou a mão com descontrada curiosidade ao primeiro livro de leitura do seu filho, que tinha acabado de fazer cinco anos e a quem, devido à ambição da mãe, um professor particular já fazia sentir com demasiada antecedência os constrangimentos da escola. Leu a oração da manhã, que era a mesma desde há décadas, ele ainda se lembrava dela. Leu as «Quatro Estações», «A Raposa e a Lebre», «O Rei dos Animais».

Abriu o índice e encontrou o título de um trecho de leitura que parecia dizer respeito a si próprio, pois chamava-se: «Francisco José I na Batalha de Solferino». Leu e teve de se sentar. «Na batalha de Solferino,» – assim começava o trecho – «o nosso Imperador e Rei encontrou-se em grande perigo.» Lá aparecia o próprio Trotta. Mas com que transformação!

«O monarca» – dizia o trecho – «tinha-se ousadamente adiantado tanto, no fervor do combate, que, de repente, se viu rodeado de cavaleiros inimigos. Nesse momento de máxima aflição, um tenente muito novo, montado num cavalo baio coberto de suor, acorrera de um salto, agitando o sabre. Ena! Como caíam os golpes na cabeça e na nuca dos cavaleiros inimigos!»

E mais adiante:

Uma lança inimiga trespassou o peito do jovem herói, mas a maioria dos inimigos já tinha sido abatida. Com a espada desembainhada na mão, o jovem e destemido monarca pôde facilmente defender-se dos ataques que se iam tornando cada vez mais fracos. Então, toda a cavalaria inimiga foi feita prisioneira. O jovem tenente, porém – cavaleiro Joseph von Trotta era o seu nome –, recebeu a mais alta condecoração que a nossa Pátria pode atribuir aos seus filhos heróicos: a Ordem de Maria Teresa.

O capitão Trotta foi, com o livro de leitura na mão, até ao pequeno pomar atrás da casa, onde a sua mulher se entretinha nas tardes amenas, e perguntou-lhe, com os lábios sem cor e em voz muito baixa, se ela tinha conhecimento do infame texto para leitura. Ela fez que sim com a cabeça, sorrindo.

– É uma mentira! – gritou o capitão, e atirou o livro para a terra húmida.

– É para crianças – respondeu brandamente a sua mulher.

O capitão voltou-lhe as costas. A ira agitava-o como a tempestade sacode um fraco arbusto. Voltou rapidamente para casa, com

o coração em alvoroço. Eram horas do jogo de xadrez. Ele retirou o sabre do gancho, afivelou o cinturão ao corpo com um esticão irritado e violento, e saiu de casa a passos largos e precipitados. Quem o visse podia julgar que ele ia dar conta de cinco dúzias de inimigos. Depois de no café, ainda sem haver proferido uma única palavra, com quatro profundas rugas transversais na testa pálida, estreita, sob o cabelo rijo e curto, ter perdido duas partidas, derrubou ruidosamente com mão raivosa as figuras e disse ao seu parceiro:

– Tenho de me aconselhar consigo!

Pausa.

– Fui vítima de abuso – recomeçou ele. Olhou a direito para as lentes faiscantes dos óculos do notário e apercebeu-se, passado um bocado, de que lhe faltavam as palavras. Devia ter trazido consigo o livro de leitura. Com esse odioso objecto nas mãos, ser-lhe-ia consideravelmente mais fácil explicar-se.

– Qual abuso? – perguntou o jurista.

– Nunca servi na Cavalaria – achou o capitão Trotta que haveria de ser a melhor maneira de começar, embora ele próprio reconhecesse que assim não era possível alguém entendê-lo. – E agora escrevem esses desavergonhados autores nos livros infantis que eu, montado num cavalo baio, num cavalo baio coberto de suor, escrevem eles, que eu saltei para a frente, para salvar o monarca, escrevem eles.

O notário percebeu. Ele próprio conhecia o excerto para leitura dos livros dos seus filhos.

– Está a dar demasiado valor a isso, Senhor Capitão – disse ele. – Lembre-se de que é para crianças!

Trotta olhou-o, assustado. Naquele instante, pareceu-lhe que o mundo inteiro se havia aliado contra si: os autores dos livros de leitura, o notário, a sua mulher, o seu filho, o professor particular.

– Todos os feitos históricos – disse o notário – são apresentados de outra maneira para uso escolar. E até está certo assim,

na minha opinião. As crianças precisam de exemplos, que elas compreendam, que lhes fiquem gravados. A verdade autêntica só a virão a saber mais tarde!

– A conta! – gritou o capitão, levantando-se.

Foi para a caserna, surpreendeu o oficial de serviço, o tenente Amerling, com uma menina no escritório do sargento da contabilidade, visitou ele próprio as sentinelas, mandou buscar o furriel, convocou o sargento de serviço para relatório, mandou formar a companhia e ordenou exercícios de manejo de armas na parada. Os homens obedeceram, confusos e trémulos. Em cada pelotão faltavam alguns soldados, que não era possível encontrar. O capitão Trotta mandou ler os nomes em voz alta.

– Os ausentes terão de se apresentar perante mim amanhã! – disse ele ao tenente.

Com a respiração ofegante, a unidade fez os exercícios com as espingardas. Tiniam as varetas das espingardas, voavam as bandoleiras, as mãos escaldantes batiam com estalo nos frescos canos metálicos, as coronhas pesadas pisavam o chão mole com um barulho abafado.

– Carregar! – comandou o capitão. O ar tremeu com as detonações ocas dos cartuchos de exercício. – Meia hora de exercícios de continência! – ordenou o capitão. Passados dez minutos, modificou a ordem: – Ajoelhem-se para a oração! – Apaziguado, escutou o choque surdo dos joelhos duros sobre a terra, o cascalho e a areia. Ainda era capitão, senhor da sua companhia. Já ia mostrar isso a esses escrevedores.

Nesse dia não foi à messe, nem sequer comeu, deitou-se para dormir. Dormiu um sono pesado e sem sonhos. Na manhã seguinte, aquando do relatório dos oficiais, apresentou sucinta e sonoramente as suas queixas ao coronel. Estas foram transmitidas. E então começou o martírio do capitão Joseph Trotta, cavaleiro de Sipolje, o Cavaleiro da Verdade. Passaram-se semanas até que chegasse do Ministério da Guerra a resposta anunciando que as

queixas tinham sido transmitidas ao Ministério da Cultura e da Educação. E, mais uma vez, decorreram semanas, até que um dia chegou a resposta do ministro. Esta rezava assim:

*Ilustríssimo Senhor,
Excelentíssimo Senhor Capitão,*

Em resposta à queixa de V.^a Ex.^a respeitante ao trecho do livro de leitura número quinze dos livros de leitura autorizados para as Escolas Primárias e Públicas Austríacas nos termos da Lei de 21 de Julho de 1864, redigido e publicado pelos Professores Weidner e Srdcny, o Senhor Ministro da Educação permite-se chamar muito respeitosamente a atenção de V.^a Ex.^a para a circunstância de os trechos dos livros de leitura com importância histórica, em particular aqueles que dizem respeito, pessoalmente, a Sua Majestade o Imperador Francisco José, bem como a outros membros da Altíssima Casa Reinante, de acordo com o Decreto de 21 de Março de 1840, deverem estar adaptados à capacidade de compreensão dos alunos e corresponder o melhor possível aos fins pedagógicos. O supracitado texto de leitura número quinze, mencionado na queixa de V.^a Ex.^a, foi submetido pessoalmente a Sua Excelência o Senhor Ministro da Educação, tendo sido o mesmo por ele autorizado para uso escolar. Nas intenções das altas autoridades escolares, como também das menores, pretende-se apresentar os feitos heróicos dos membros do Exército de uma forma adaptada ao carácter infantil, à fantasia e aos sentimentos patrióticos das gerações jovens, sem alterar a veracidade dos acontecimentos descritos, mas também sem os reproduzir num tom seco, alheio a qualquer estímulo da fantasia assim como dos sentimentos patrióticos. Em virtude destas e de análogas considerações, o abaixo-assinado comunica muito respeitosamente a V.^a Ex.^a a intenção de se desinteressar da queixa de V.^a Ex.^a.

Este documento estava assinado pelo Ministro da Cultura e Educação. O coronel entregou-o ao capitão Trotta com as seguintes palavras paternais:

– Deixa lá esta história!

Trotta recebeu-o e ficou calado. Uma semana depois, solicitou pela via oficial prescrita uma audiência junto de Sua Majestade. E, passadas três semanas, estava, pela manhã, no Palácio, de olhos nos olhos com o seu Supremo Comandante Militar.

– Repare, caro Trotta! – disse o Imperador. – A coisa é bem desagradável. Mas dela nem um nem outro nos saímos mal! Deixe lá essa história!

– Majestade – replicou o capitão –, é uma mentira!

– Mente-se muito – confirmou o Imperador.

– Não posso, Majestade – disse o capitão com a voz estrangulada.

O Imperador aproximou-se do capitão. O monarca era pouco mais alto do que Trotta. Eles olharam-se nos olhos.

– Os meus ministros – começou Francisco José – têm de saber eles próprios aquilo que fazem. Eu tenho de confiar neles. Compreende, caro Capitão Trotta? E, passado um bocado, acrescentou: – Vamos fazer isto melhor. Você vai ver!

A audiência estava terminada.

O pai ainda era vivo. Mas Trotta não seguiu para Laxenburg. Regressou à guarnição e pediu a sua demissão do Exército.

Foi licenciado como major. Foi viver para a Boémia, para a pequena quinta do seu sogro. A graça imperial não o abandonou. Um mês depois, recebeu a participação de que o Imperador houvera por bem atribuir, para efeitos de estudo, ao filho de quem lhe salvara a vida, cinco mil florins do seu cofre particular. Ao mesmo tempo, teve lugar a elevação de Trotta à condição de barão.

Joseph Trotta, barão de Sipolje, aceitou com mau humor as dádivas imperiais como se fossem ofensas. A campanha contra os Prussianos foi levada a cabo e perdida sem ele. Estava ressentido.

As suas têmporas já estavam a ficar prateadas, os seus olhos, baços, o seu andar, lento, a sua mão, pesada, e a sua boca, mais fechada do que antes. Embora fosse um homem na força da vida, parecia estar a envelhecer rapidamente. Fora expulso do paraíso da singela credulidade no Imperador e na Virtude, na Verdade e no Direito, e, aprisionado na dor e no silêncio, tinha mesmo de reconhecer que a astúcia assegurava a permanência do mundo, a força das leis e o esplendor das majestades. Graças ao desejo oportunamente manifestado pelo Imperador, o trecho do livro de leitura número quinze desapareceu dos livros escolares da Monarquia. O nome de Trotta subsistiu apenas nos anais an nimos do regimento. O major foi vivendo como o protagonista desconhecido de uma fama cedo sepultada, semelhante a uma sombra fugidia que uma entidade oculta em segredo enviasse ao mundo luminoso dos vivos. Na quinta de seu sogro, ele ocupava-se com um regador e uma tesoura de podar, e, tal como seu pai no parque do palácio de Laxenburg, o barão talhava as sebes e cortava a relva, vigiava na Primavera o laburno e, mais tarde, o sabugueiro, defendendo-os de mãos predatórias e incompetentes, substituía estacas da cerca apodrecidas por outras novas e bem aplainadas, consertava utensílios e apetrechos, punha com as suas próprias mãos o freio e a sela aos cavalos baios, renovava fechaduras ferrugentas em portas e portões, colocava com ponderação calços de madeira, correctamente talhados, entre gonzos cansados que se inclinavam, passava dias inteiros na floresta, matava a tiro caa miúda, pernoitava em casa do guarda-florestal, preocupava-se com galinhas, esterco e colheitas, fruta e flores de latada, criado de lavoura e cocheiro. Sovina e desconfiado, fazia as compras, tirando moedas com as pontas dos dedos da bolsinha de couro feltrudo e voltava a escondê-la junto ao peito. Passou a ser um pequeno agricultor esloveno.  s vezes ainda se apoderava dele a sua antiga ira que o sacudia como uma forte tempestade abana um fraco arbusto. Então, batia no criado e nos flancos dos cavalos, atirava ruidosamente com as portas

de encontro às fechaduras que ele próprio arranjara, ameaçava os jornaleiros de morte e destruição, à mesa do almoço afastava de si o prato com um gesto irritado, jejuava e resmungava. Junto dele, viviam, em quartos separados, a mulher, fraca e adoentada, o rapaz, que só via o pai à mesa e cujas notas lhe eram apresentadas duas vezes ao ano, sem que lhe merecessem louvor nem repreensão, e o sogro, que gastava alegremente a sua pensão, que gostava de meninas, passava semanas inteiras na cidade e tinha medo do seu genro. Era um pequeno, velho camponês esloveno, esse barão Trotta. Ainda continuava a escrever duas vezes por mês, já de noite, à luz bruxuleante de uma vela, uma carta ao pai em amarelento papel oitavado, com a saudação «Querido Pai,» a quatro dedos de distância do topo, a dois dedos de distância da margem lateral. Muito raramente recebia uma resposta.

Sem dúvida, o barão pensava por vezes visitar o seu pai. Há muito tempo que sentia saudades do sargento, da sua mísera e oficial pobreza, do tabaco fibroso e da *rakija* destilada por ele próprio. Mas o filho evitava as despesas, não de maneira diferente do que teriam feito o seu pai, o seu avô, o seu bisavô. Agora, ele estava outra vez mais próximo do inválido no palácio de Laxenburg do que há uns anos, quando, no fresco esplendor da sua nova nobreza, estivera sentado na cozinha caiada de azul da pequena residência de serviço e bebera *rakija*. Com a mulher, nunca falava das suas origens. Sentia que a descendente de uma linhagem mais antiga de funcionários públicos estaria separada de um sargento esloveno por uma presunção embaraçada. Por conseguinte, não convidava o pai.

Um dia, era um dia luminoso de Março, pisava o barão os duros torrões a caminho da casa do caseiro, quando um criado lhe trouxe uma carta da administração do palácio de Laxenburg. O inválido tinha morrido, falecera sem dores aos oitenta e um anos de idade. O barão Trotta apenas disse:

– Vai ter com a Senhora Baronesa, a minha mala tem de ficar pronta, parto ao final da tarde para Viena!

Prosseguiu até à casa do caseiro, informou-se acerca da sementeira, falou do tempo, deu instruções para encomendar três novos arados, mandar vir o veterinário na segunda-feira e, ainda hoje, a parteira para assistir a lavradeira grávida. À despedida, disse:

– O meu pai morreu. Estarei três dias em Viena! – cumprimentou-o com um dedo descontraído e saiu.

A sua mala estava feita, os cavalos foram atrelados ao carro, era uma hora de viagem até à estação. Ele comeu apressadamente a sopa e a carne. Depois disse para a mulher:

– Não posso continuar! O meu pai era um bom homem. Tu nunca o viste!

Era um elogio fúnebre? Era um lamento?

– Tu vens comigo! – disse ele para o seu assustado filho. A mulher levantou-se para ir aprontar também as coisas do garoto. Enquanto ela estava atarefada no andar de cima, Trotta disse ao miúdo: – Agora vais ver o teu avô. – O garoto estremeceu e baixou os olhos.

O sargento estava amortalhado, quando eles chegaram. Jazia no catafalco, na sua sala de estar, velado por oito velas de um metro de altura e dois camaradas inválidos, com o enorme bigode eriçado, de uniforme azul-escuro com três medalhas reluzentes ao peito. Uma ursulina rezava no canto, ao lado da única janela tapada com uma cortina. Os inválidos puseram-se em sentido, quando Trotta entrou. Ele envergava o uniforme de major com a Ordem de Maria Teresa. Ajoelhou-se e o seu filho caiu igualmente de joelhos aos pés do morto, com as grossas solas das botas do cadáver diante do jovem rosto. O barão Trotta sentiu, pela primeira vez na vida, uma pontada estreita e aguda na zona do coração. Os seus olhos pequenos permaneceram enxutos. Murmurou um, dois, três padre-nossos, num devoto embaraço, ergueu-se, debruçou-se sobre o morto, beijou-lhe o enorme bigode, acenou aos inválidos e disse ao seu filho:

– Anda!

– Viste-o? – perguntou-lhe lá fora.

– Sim – disse o garoto.

– Ele era apenas um sargento da Gendarmaria – disse o pai –, eu salvei a vida ao Imperador na batalha de Solferino... e depois foi-nos concedida a baronia.

O rapaz não disse nada.

O inválido foi enterrado no pequeno cemitério de Laxenburg, no talhão militar. Seis camaradas fardados de azul-escuro levaram o caixão desde a capela até à sepultura. O major Trotta, com barretina e uniforme de gala, manteve, todo o tempo, uma mão sobre o ombro de seu filho. O garoto soluçava. A música triste da banda militar, a ladainha melancólica e monótona dos padres, que se podia ouvir de novo sempre que a música fazia uma pausa, o incenso, que pairava levemente, causavam ao rapaz uma dor incompreensível, sufocante. E os tiros de espingarda, que meio pelotão disparou sobre a sepultura, abalaram-no com a sua inexorabilidade a ressoar longamente. Eram saudações militares feitas a tiro atrás da alma do morto, que subia a direito para o céu, para sempre e eternamente desaparecida deste mundo.

Pai e filho regressaram. Pelo caminho, durante todo o tempo, o barão esteve calado. Só quando deixaram a via-férrea e, atrás do jardim da estação, subiram para o carro que os esperava, o major disse:

– Não o esqueças, o Avô!

E o barão voltou a ocupar-se do seu habitual trabalho diário. E os anos foram rolando como rodas uniformes, pacíficas e mudas. O sargento não foi o último cadáver que o barão teve de sepultar. Enterrou, primeiro, o seu sogro; uns anos mais tarde, a sua mulher, que morrera rápida, modestamente e sem despedidas após uma forte pneumonia. Mandou o seu rapaz para um colégio interno em Viena e determinou que o filho nunca poderia vir a ser militar de carreira. Ficou sozinho na casa, branca, espaçosa, pela qual ainda perpassava a respiração dos falecidos, só falando com

o guarda-florestal, o caseiro, o criado da lavoura e o cocheiro. A sua fúria irrompia cada vez mais raramente. A criadagem, porém, sentia constantemente o seu punho grosseiro, e o seu silêncio carregado de cólera pesava como um duro jugo sobre a nuca das pessoas. Na presença dele, reinava um sossego amedrontado como antes de uma trovoada. Duas vezes por mês recebia cartas submissas do seu filho. Uma vez por mês respondia com duas frases breves em pequenos pedaços de papel, para poupar, que eram as margens respeitadas por ele retiradas das cartas que recebera. Uma vez por ano, a 18 de Agosto, aniversário do Imperador, ia de carro, fardado, até à cidade com guarnição mais próxima. Duas vezes por ano, o filho vinha de visita, nas férias de Natal e nas férias de Verão. Em cada noite de Natal, o rapaz recebia três sólidos florins de prata, que tinha de confirmar mediante assinatura e que nunca podia levar consigo. Os florins iam parar, nessa mesma noite, a uma caixinha na gaveta do velho. Ao lado dos florins ficavam as notas da escola. Estas confirmavam a aplicação razoável do filho e as suas aptidões medianas, mas sempre suficientes. Nunca o moço recebia um brinquedo, nunca algum dinheiro miúdo, nunca um livro, exceptuando os livros escolares obrigatórios. Ele parecia não sentir falta de nada. Possuía um juízo correcto, sóbrio e honesto. A sua escassa fantasia não lhe dava outro desejo senão o de ultrapassar tão depressa quanto possível os anos escolares.

Tinha dezoito anos de idade quando o pai lhe disse na noite de Natal:

– Este ano já não recibes mais três florins. Podes, mediante recibo, tirar para ti nove da caixinha. Tem cuidado com as moças! A maioria delas tem doenças! – E, após uma pausa, acrescentou: – Decidi que venhas a ser jurista. Até lá, ainda tens dois anos. Quanto ao serviço militar, há tempo. Pode-se adiar até teres terminado.

O rapaz aceitou os nove florins tão obedientemente como acatou o desejo do pai. Raramente visitou as meninas, escolheu

cuidadosamente entre elas e ainda possuía seis florins quando voltou a casa nas férias de Verão. Pediu ao pai autorização para convidar um amigo.

– Bom – disse o major, algo admirado.

O amigo chegou com pouca bagagem, mas com uma volumosa caixa de pintura que não agradou ao dono da casa.

– Ele pinta? – perguntou o velho.

– Muito bem! – disse Franz, o filho.

– Ele que não faça borrões em casa! Ele que vá pintar a paisagem!

O hóspede pintava, com efeito, lá fora, mas de modo algum pintava a paisagem. Fazia de memória o retrato do barão Trotta. Todos os dias, à mesa, decorava as feições do seu anfitrião.

– Porque me olha você fixamente? – perguntou-lhe o barão.

Ambos os jovens coraram e olharam para a toalha de mesa. O retrato realizou-se, contudo, e foi entregue, emoldurado, ao velho aquando da despedida. Ele estudou-o ponderadamente, e a sorrir. Voltou-o, como se procurasse na parte de trás mais pormenores que pudessem ter sido omitidos no lado da frente, segurou-o voltado para a janela, depois afastou-o dos olhos, contemplou-se no espelho, comparou-se com o retrato e, por fim, disse:

– Onde se há-de pendurar? – Era a sua primeira alegria, desde há muitos anos. – Podes emprestar dinheiro ao teu amigo, se ele precisar de algum – disse ele a Franz, em voz baixa. – O importante é que vos deis bem!

O retrato era, e continuou sendo, o único que jamais se fez do velho Trotta. Esteve, mais tarde, pendurado na sala de estar do seu filho e ainda ocupou a fantasia do neto...

Entretanto, manteve o major, durante algumas semanas, num estado de espírito raro. Pendurava-o ora nesta, ora naquela parede, contemplava com um agrado complacente o seu nariz duro, saliente, a sua boca pálida e estreita, sem barba, as maçãs do rosto magras, que se erguiam como colinas por baixo dos olhos

pequenos, negros, e a testa curta, muito enrugada, encimada pelo cabelo rigorosamente aparado, cerdoso e inclinado para a frente à laia de espinhos. Só agora é que ele ficara a conhecer o seu rosto e, por vezes, mantinha diálogos mudos com este. Isso despertava nele pensamentos que nunca conhecera, recordações, sombras incompreensíveis de nostalgia, que depressa se desvaneciam. Tinha precisado do quadro para se aperceber do seu envelhecimento precoce e da sua grande solidão. Da tela pintada, emanavam ao seu encontro a solidão e a idade. «Fora sempre assim?», perguntava a si próprio. Sempre fora assim? Sem querer, ia, uma vez por outra, ao cemitério, até à sepultura da sua mulher, contemplava a placa cinzenta e a cruz branca como a cal, a data de nascimento e do dia da morte, calculava que ela morreria cedo demais e confessava que não era capaz de se lembrar exactamente dela. As mãos dela, por exemplo, tinha-as esquecido. Veio-lhe à memória «China-Eisenwein», um remédio que ela tinha tomado durante longos anos. O rosto dela? Ainda era capaz de evocá-lo com os olhos fechados, mas depressa ele se sumia num crepúsculo avermelhado, circular. Ele tornou-se gentil em casa e na quinta, por vezes fazia festas a um cavalo, sorria para as vacas, bebia mais frequentemente do que até então uma aguardente e, um dia, escreveu ao seu filho uma breve carta fora dos prazos habituais. Começaram a cumprimentá-lo com um sorriso, ele acenava solícitamente com a cabeça. Veio o Verão, as férias trouxeram o filho e o amigo, o velho foi com ambos à cidade, de carro, entrou numa cervejaria, bebeu uns goles de *slibo-vitz*¹ e mandou vir uma copiosa refeição para os jovens.

O filho tornou-se jurista, veio a casa com mais frequência, deu umas voltas pela propriedade e sentiu, um dia, vontade de a administrar e renunciar à carreira jurídica. Confessou isso ao pai.

¹ Aguardente de ameixa, de origem balcânica, popular na Áustria. [N. T.]

O major disse:

– É tarde demais! Não virás a ser, ao longo da tua vida, nem agricultor nem proprietário! Serás um funcionário competente, nada mais!

Era caso arrumado. O filho tornou-se funcionário político, comissário de distrito na Silésia. Ainda que o apelido Trotta tivesse desaparecido dos livros escolares autorizados, não tinha desaparecido dos ficheiros secretos das altas autoridades políticas, e os cinco mil florins doados pela graça do Imperador asseguraram ao funcionário Trotta uma atenção e um incentivo constantes e benévolos da parte de desconhecidas instâncias mais altas. Ele progrediu rapidamente. Dois anos antes da sua nomeação para Governador Civil, morreu o major.

Deixou um testamento surpreendente. Posto que estava certo – assim escreveu ele – que o seu filho não seria um bom agricultor e como esperava que os Trotta, gratos ao Imperador pela sua continuada graça, poderiam chegar, no serviço público, a altas posições e cargos, e virem a ser mais felizes na vida do que ele, o autor do testamento tinha decidido, em memória do seu falecido pai, legar a propriedade que o senhor seu sogro há anos lhe atribuíra, com tudo o que esta continha em termos de bens móveis e imóveis, ao Fundo dos Inválidos Militares. E os beneficiários do testamento não teriam nenhuma outra obrigação que não fosse a de sepultar o testador, na maior modéstia possível, naquele cemitério em que o seu pai havia sido enterrado, e, se isso fosse fácil, de preferência na proximidade do falecido. Ele, o testador, pedia que se prescindisse de toda a pompa. O dinheiro vivo disponível, quinze mil florins juntamente com juros, depositados na Casa Bancária Efrussi em Viena, bem como o dinheiro, prata e cobre restantes que se encontravam na casa, assim como o anel, o relógio e o cordão da falecida mãe pertenciam ao filho único do testador, Barão Franz von Trotta und Sipolje.

Uma banda militar vienense, uma companhia de infantaria, um representante dos cavaleiros da Ordem de Maria Teresa, representantes do regimento do sul da Hungria, de que o major havia

sido o modesto herói, todos os inválidos militares capazes de marchar, dois funcionários das chancelarias da Corte e do Gabinete Ministerial, um oficial do Gabinete Militar e um sargento portador da Ordem de Maria Teresa, posta sobre uma almofada forrada de preto, formavam o acompanhamento oficial do enterro. Franz, o filho, ia de preto, estreito e sozinho. A banda tocou a marcha que havia tocado por ocasião do enterro do avô. As salvas, que foram disparadas desta vez, eram mais fortes e ressoaram com um eco mais prolongado. O filho não chorou. Ninguém chorou pelo morto. Tudo permaneceu seco e solene. Ninguém falou à beira da sepultura. Próximo do sargento da Gendarmaria, jazia o major barão von Trotta und Sipolje, o Cavaleiro da Verdade. Puseram-lhe uma singela pedra tumular militar, na qual, em finas letras negras, estava gravado, além do nome, patente e regimento, o orgulhoso epíteto: «O Herói de Solferino».

Pouco restou, pois, do morto além dessa pedra, um renome desvanecido e o retrato. Portanto, anda um agricultor na Primavera por cima do campo... e mais tarde, no Verão, está o rasto dos seus passos coberto pela ondulação do abençoado trigo que ele semeou. O alto-comissário imperial e real Trotta von Sipolje recebeu, ainda na mesma semana, uma carta de condolências de Sua Majestade, em que se falava por duas vezes dos «serviços inesquecíveis» para todo o sempre do falecido.

II

Não havia em toda a esfera de competência da Divisão nenhuma banda militar mais bonita do que a do Regimento de Infantaria n.º X aquartelado na pequena cidade de W., na Morávia. O chefe da banda ainda fazia parte daqueles músicos militares austríacos que, graças a uma memória rigorosa e a uma necessidade sempre desperta de novas variações de antigas melodias, conseguiam compor uma marcha todos os meses. Todas as marchas se assemelhavam umas às outras como soldados. A maior parte delas começava com um rufo de tambor, continha o toque de recolher, acelerado em termos de ritmo de marcha, um sorriso altissonante dos graciosos pratos e acabava com um trovão ribombante do grande timbale, com a alegre e breve trovoada da música militar. O que distinguia o chefe da banda Nechwal dos seus colegas não era tanto a determinação, extraordinariamente frutuosa, em compor, quanto o rigor alegre e arrojado com que ele praticava a música. O hábito descontraído, que tinham outros chefes de bandas musicais, de deixar o furriel da música dirigir a primeira marcha, para só erguerem a batuta no segundo ponto do programa, era tido por Nechwal como um claro indício do declínio da Monarquia Imperial e Real. Assim que a banda estivesse disposta no círculo regulamentar e tivesse enterado os graciosos pezinhos das minúsculas estantes de música nas gretas de terra negra entre as grandes pedras da calçada da praça, também já o chefe da banda estava no meio dos seus músicos, com a negra batuta de ébano com punho de prata discretamente erguida. Todos os concertos ao ar livre – que tinham lugar por

baixo da varanda do senhor Governador Civil – começavam com a marcha de Radetzky. Embora os membros da banda a conhecessem tão bem que a teriam podido tocar em plena noite e a dormir, sem serem dirigidos, o chefe da banda considerava necessário, não obstante, ler cada nota pela partitura. E como se estivesse ensaiando a marcha de Radetzky pela primeira vez com os seus músicos, todos os domingos ele erguia, com meticulosidade militar e musical, a cabeça, a batuta e o olhar, e dirigia todos os três ao mesmo tempo para aquele segmento do círculo, em cujo meio ele se encontrava, que lhe parecesse carecer das suas ordens. Os rudes tambores rufavam, as doces flautas assobiavam e os graciosos pratos retumbavam. Pelos rostos de todos os ouvintes passava um sorriso aprazível e sonhador, ao passo que nas suas pernas formigava o sangue. Enquanto ainda estavam parados, já tinham a impressão de marchar. As moças mais novas sustinham a respiração e abriam os lábios. Os homens mais maduros inclinavam a cabeça e recordavam-se das suas manobras. As mulheres velhotas estavam sentadas no parque adjacente e as suas cabecinhas grisalhas tremiam. E era Verão.

Sim, era Verão. Os velhos castanheiros-da-índia, em frente da casa do Governador Civil, só de manhã e ao final da tarde mexiam as suas copas largas com abundante folhagem verde-escura. Durante o dia, permaneciam imóveis, exalavam um hálito penetrante e projectavam as suas vastas e frescas sombras até ao meio da rua. O céu estava permanentemente azul. As invisíveis cotovias trinavam incessantemente sobre a cidade silenciosa. Por vezes, rodava sobre o seu irregular piso empedrado um fiacre, em que ia sentado um forasteiro, da estação para o hotel. Por vezes, batiam os cascos da parelha de cavalos que levavam o senhor von Winternigg a passear de carro pela larga rua, de norte para sul, do palácio do proprietário para a sua imensa coutada. Pequeno, velho e lastimoso, um velhinho amarelo, metido numa grande capa amarela, e com um rosto minúsculo, ressequido, lá ia o senhor von

Winternigg na sua caleche. Atravessava de carro como um lastimoso pedacinho de Inverno a plenitude do Verão. Sobre altas rodas de borracha, elásticas e silenciosas, cujos raios delicados, lacados de castanho, reflectiam o sol, ele rodava directamente da cama para a sua riqueza rural. As grandes florestas escuras e os guardas-florestais, loiros e vestidos de verde, já estavam à espera dele. Os habitantes da cidade cumprimentavam-no. Ele não respondia. Atravessava, impassível, um mar de saudações. O seu cocheiro vestido de preto elevava-se, hirto, a grande altura, o seu chapéu alto quase roçava na copa dos castanheiros, o chicote flexível acariciava os lombos castanhos dos cavalos. E da boca fechada do cocheiro saía, a intervalos perfeitamente determinados, regulares, um detonante estalo com a língua, mais sonoro do que o matraquear dos cascos e semelhante a um melódico tiro de espingarda.

Por essa altura, começavam as férias. O filho do Governador Civil, Carl Joseph von Trotta, com quinze anos de idade, aluno da Academia Militar de Cavalaria em Mährisch-Weißkirchen, sentia a sua cidade natal como um lugar estival; tanto era a terra natal do Verão como a sua própria. No Natal e na Páscoa, era convidado para casa do seu tio. Só vinha a casa nas férias de Verão. O dia da sua chegada era sempre um domingo. Acontecia assim por vontade de seu pai, o senhor Governador Civil barão Franz von Trotta und Sipolje.

As férias de Verão, comessem elas na Academia em que dia fosse, em casa tinham, no entanto, de se iniciar no domingo. Ao domingo, o Senhor von Trotta und Sipolje não tinha serviço. A manhã inteira, desde as nove às doze, reservava-a ele para o seu filho. Pontualmente, quando faltavam dez minutos para as nove, um quarto de hora depois da primeira missa, estava o rapaz, com o uniforme de domingo, diante da porta de seu pai. Cinco minutos antes das nove, Jacques, de libré cinzenta, desceu a escada e disse:

— Jovem Senhor, o Senhor Papá já vem.

Carl Joseph compôs uma vez mais o dólman, ajeitou o cinturão, pegou no boné e encostou-a à anca, como era regulamentar. O pai

chegou, o filho bateu os calcanhares com um estalo que percorreu a velha casa silenciosa. O velho abriu a porta e, fazendo com a mão um leve gesto de saudação, deu a precedência ao filho. O rapaz ficou parado, ignorando o convite. O pai, por conseguinte, transpôs a porta, Carl Joseph seguiu-o e ficou parado no limiar.

– Põe-te à vontade! – disse, algum tempo depois, o Governador Civil.

Só então, Carl Joseph se acercou da grande poltrona de pelúcia vermelha e se sentou, em frente do pai, com os joelhos rigidamente juntos e o boné e as luvas brancas em cima dos joelhos. Através das finas gretas dos estores verdes, caíam estreitas faixas de sol sobre o tapete vermelho-escuro. Uma mosca zumbiu, o relógio de parede começou a dar horas. Após terem soado as nove badaladas de ouro, o Governador Civil começou:

– Como vai o Senhor Coronel Marek?

– Obrigado, Papá. Vai bem!

– Na Geometria continuas fraco?

– Obrigado, Papá. Um tanto melhor!

– Leste livros?

– Pois sim, Papá!

– Como está a coisa com a equitação? No ano passado, não foi extraordinário...

– Este ano – começou Carl Joseph, mas foi logo interrompido.

Seu pai tinha estendido a mão estreita, que estava meio escondida no punho redondo, luzidio. Com um brilho dourado, reluzia o enorme e quadrado botão de punho.

– Não foi extraordinário, acabei eu de dizer. Foi – aqui, o Governador Civil fez uma pausa e disse, depois, com uma voz átona: – uma vergonha!

Pai e filho ficaram calados. Por muito que a palavra «vergonha» tivesse sido pronunciada surdamente, ainda pairava na sala. Carl Joseph sabia que, após uma crítica severa de seu pai, havia que respeitar uma pausa. Tinha de se absorver a sentença em todo o seu

significado, de a assimilar, de a gravar na memória, de a incorporar no coração e no cérebro. O relógio fazia tiquetaque, a mosca zumbia. Depois, Carl Joseph começou, com voz clara:

– Este ano foi consideravelmente melhor. O próprio sargento o disse muitas vezes. Também recebi um louvor do senhor primeiro-tenente Koppel.

– Isso vai alegrar-me – observou com voz de enterro o senhor Governador Civil. Apoiando-o no rebordo da mesa, empurrou o punho de novo para dentro da manga. Ouviu-se um duro tilintar. – Continua a contar! – disse, enquanto acendia um cigarro. Era o sinal para o início da familiaridade.

Carl Joseph colocou o boné e as luvas em cima de uma pequena escrivaninha, pôs-se de pé e começou a relatar todos os acontecimentos do último ano. O velho fazia que sim com a cabeça. De repente, disse:

– Estás mesmo um rapaz crescido, meu filho! Até estás a mudar a voz! Enamorado, porventura?

Carl Joseph corou. O seu rosto incandescia como um lampião vermelho, mas ele manteve-o corajosamente voltado para o pai.

– Portanto, ainda não! – disse o Governador Civil. – Não te incomodes! Continua lá a contar!

Carl Joseph engoliu em seco, o rubor cedeu e, de repente, ele sentiu frio. Foi relatando lentamente e com muitas pausas. Depois tirou do bolso o rol dos livros e entregou-o ao pai. – Uma leitura muito decente! – disse o Governador Civil. – O resumo de *Zriny*², por favor!

Carl Joseph narrou o drama, acto após acto. Depois sentou-se, cansado, pálido, com a língua seca.

Deitou um olhar secreto ao relógio: eram tão-só dez e meia. O exame ainda ia durar hora e meia. O velho podia lembrar-se de

² Drama da autoria do poeta e dramaturgo alemão Theodor Körner (1791-1813), herói das guerras napoleónicas. [N. T.]

interrogá-lo sobre história da Antiguidade ou mitologia germânica. A fumar, ele andava pela sala, com a mão esquerda atrás das costas. Na direita, o punho da camisa fazia barulho. As riscas de sol no tapete iam-se tornando cada vez mais fortes e iam-se aproximando cada vez mais da janela. O Sol já devia estar alto. Os sinos da igreja começaram a ressoar. Muito próximos, tocavam para dentro da sala como se estivessem a baloiçar mesmo por detrás das espessas gelosias. O velho, hoje, só fazia exame de literatura. Expressiu-se com pormenor sobre a importância de Grillparzer e recomendou ao filho, como «leitura leve» para os dias de férias, Adalbert Stifter e Ferdinand von Saar. Depois saltou outra vez para temas militares, serviço de vigilância, Regulamento de Serviço, segunda parte, composição de um corpo de exército, efectivos dos regimentos em tempo de guerra. De repente, perguntou:

– O que é a subordinação?

– Subordinação é o dever de obediência incondicional – declamou Carl Joseph – que todo o subalterno tem obrigação de prestar ao seu chefe e todo o inferior...

– Alto! – interrompeu-o pai e corrigiu-o: – ... *bem como* também todo o inferior ao superior...

E Carl Joseph prosseguiu:

– quando...

– assim que – corrigiu-o o velho –, assim que estes assumem o comando.

Carl Joseph respirou fundo. Estavam a soar as doze badaladas.

Só agora começavam as férias. Passou mais um quarto de hora, e ele ouviu, vindo da caserna, o primeiro rufar trepidante dos tambores da música que vinha para a rua. Todos os domingos, pelo meio-dia, ela tocava em frente da casa oficial do Governador Civil, que, naquela cidadezinha, representava nem mais nem menos do que Sua Majestade o Imperador. Carl Joseph estava oculto atrás da espessa ramada da varanda e tomou o desempenho da banda militar como uma homenagem. Sentia-se um pouco aparentado com os

Habsburgos, cujo poder seu pai ali representava e defendia, e pelo qual ele próprio, um dia, deveria sair para a guerra e para a morte. Conhecia os nomes de todos os membros da casa reinante. Amava-os a todos sinceramente, com um coração infantilmente devoto, e, acima de todos os outros, ao Imperador, que era bondoso e grande, imponente e justo, infinitamente distante e muito próximo, e particularmente afeiçoado aos oficiais do Exército. A melhor maneira de morrer por ele era ao som da música militar, e a mais fácil, ao som da marcha de Radetzky. As balas rápidas assobiavam, a compasso, à volta da cabeça de Carl Joseph, o seu sabre desembainhado faiscava e, com o coração e o cérebro repletos da graciosa ligeireza da marcha, ele mergulhou na embriaguez tamborilante da música. E o seu sangue escorria, num fio vermelho-escuro e estreito, sobre o ouro reluzente das trombetas, o negro profundo dos timbales e a prata triunfante dos pratos.

Jacques estava atrás de si e pigarreava. Começava, portanto, o almoço. Quando a música fez uma pausa, ouviu-se um leve tinar de loiça vindo da sala de jantar. Esta ficava separada da varanda por duas amplas divisões mesmo no meio do primeiro andar. Durante a refeição, a música soava distante, mas nítida. Infelizmente, não tocava todos os dias. Era boa e proveitosa, enquadrava a cerimónia solene do repasto de forma suave e conciliante, e não deixava surgir nenhuma das penosas conversas, breves e duras, que o pai tantas vezes gostava de iniciar. Podia-se estar calado, ouvir e desfrutar. Os pratos tinham finas riscas de um azul-dourado a desvanecer-se. Carl Joseph gostava deles. Muitas vezes, no decorrer do ano, pensava neles. Eles e a marcha de Radetzky e, na parede, o retrato da falecida mãe (de quem o rapaz já não se recordava) e a pesada concha de prata e a terrina do peixe e a faca para a fruta com o dorso serrilhado e as minúsculas chavenazinhas do café e as frágeis colherinhas, que eram finas como finas moedas de prata: tudo isso junto queria dizer Verão, liberdade, terra natal.

Entregou a Jacques arreios, boné e luvas, e foi para a sala de jantar. O velho entrou ao mesmo tempo e sorriu para o filho. A Menina Hirschwitz, a governanta, chegou um bocado mais tarde, com um vestido domingueiro de seda cinzenta, de cabeça erguida, o pesado puxo do cabelo sobre a nuca, um enorme alfinete curvo atravessado sobre o peito como uma espécie de sabre tártaro. Parecia estar armada e couraçada. Carl Joseph depositou um beijo sobre a sua mão longa e dura. Jacques empurrou as poltronas. O Governador Civil fez sinal para se sentarem. Jacques desapareceu e, passado algum tempo, tornou a entrar com luvas brancas, que pareciam modificá-lo por completo. Irradiavam um fulgor de neve para o seu rosto já de si branco, as suas suíças já de si brancas, os seus cabelos já de si brancos. Mas elas talvez até ultrapassassem em claridade tudo aquilo que neste mundo se pudesse chamar claro. Com essas luvas, ele segurava uma bandeja escura, sobre a qual estava a terrina fumegante da sopa. Em seguida, ele colocou-a no meio da mesa, cuidadosamente, sem ruído e muito depressa. Segundo o velho hábito, a menina Hirschwitz distribuiu a sopa. Pegávamos, com os braços hospitaleiramente estendidos e com um sorriso grato nos olhos, nos pratos que ela apresentava. Ela sorria por seu turno. Um brilho quente, dourado, ondulava nos pratos. Era a sopa: sopa com massa. Transparente, com massa de um amarelo-dourado, pequena, entrelaçada, delicada. O Senhor von Trotta und Sipolje comia muito depressa, por vezes furiosamente. Era como se aniquilasse um prato atrás de outro com silenciosa, nobre e ágil malvadez: dava cabo deles. A menina Hirschwitz comia, à mesa, porções diminutas e depois de terminada a refeição, no seu quarto, comia de novo toda a sucessão dos pratos. Carl Joseph engolia, tímida e apressadamente, colheradas muito quentes e bocados enormes. Assim, todos acabavam ao mesmo tempo. Não se proferia uma palavra, se o Senhor von Trotta und Sipolje estivesse calado.

Depois da sopa, era servido o *Tafelspitz*³ guarnecido, o prato do velho aos domingos, desde há anos incontáveis. A contemplação comprazida que ele dedicava àquela refeição exigia mais tempo do que metade da refeição. O olhar do Governador Civil acariciava, primeiro, a delicada orla de gordura que debruava a colossal peça de carne, depois cada um dos pratinhos em que estavam colocados os legumes, as beterrabas com reflexos violeta, os espinafres, sérios, de um verde saturado, a alegre e clara salada, o branco mordaz do rábano picante, a oval impecável das batatas novas, que nadavam em manteiga derretida e lembravam graciosos brinquedos. Ele mantinha relações estranhas com a comida. Era como se comesse os pedaços mais importantes com os olhos; o seu sentido estético devorava, sobretudo, o conteúdo dos alimentos, em certa medida, o seu lado espiritual; o resto insípido, que ia depois parar à boca e ao palato, era aborrecido e tinha de ser tragado sem demora. A bela aparência dos pratos proporcionava ao velho tanto prazer como a sua composição simples. Pois preferia a chamada comida «burguesa»: era um tributo que ele prestava tanto ao seu gosto como à sua maneira de ser, já que designava esta como espartana. Com uma habilidade feliz, conciliava, pois, a satisfação do seu prazer com as exigências do dever. Era um espartano. Mas era austríaco.

Dispôs-se então, como todos os domingos, a trincar a carne. Meteu os punhos para dentro das mangas, ergueu ambas as mãos e, ao meter faca e garfo na carne, começou a dizer, voltado para a menina Hirschwitz:

— Está vendo, minha Senhora, não basta exigir ao cortador uma peça tenra. Há que dar atenção à maneira como ela é cortada. Quero eu dizer, corte transversal ou corte longitudinal. Os carneiros, hoje em dia, já não conhecem o seu ofício. A melhor

³ Prato tipicamente austríaco, que consiste numa grossa fatia de carne de vaca cozida. [N. T.]

carne fica estragada, devido somente a um corte errado. Olhe para aqui, minha Senhora! Já mal a posso salvar. Desfaz-se em fibras, desagrega-se autenticamente. No todo, pode-se sem dúvida chamar-lhe «tenra». Mas os bocadinhos soltos serão rijos, como você própria verá em breve. Mas no que diz respeito aos *Beilagen*⁴, como lhes chamam os alemães do Reich, desejo que, de uma próxima vez, o rábano, o chamado *Meerrettich*, esteja um pouco mais seco. Ele não pode perder o picante no leite. Além disso, tem de ser preparado mesmo antes de vir para a mesa. Esteve molhado tempo de mais. Um erro!

A menina Hirschwitz, que tinha vivido muitos anos na Alemanha, falava sempre alto-alemão, e a cuja predileção por expressões dignas da literatura se reportavam os *Beilagen* e o *Meerrettich* do senhor von Trotta, fez que sim com a cabeça, pesada e lentamente. Exigia-lhe esforço, manifestamente, separar da nuca o peso significativo do seu puxo e fazer com que a sua cabeça se inclinasse em sinal de assentimento. Assim, a sua esforçada amabilidade adquiria algo de comedido, até parecia conter uma defensiva. E o Governador Civil viu-se obrigado a dizer:

– Certamente que não deixo de ter razão, minha Senhora!

Ele falava o alemão nasal dos funcionários superiores e da pequena nobreza da Áustria. Fazia lembrar um pouco guitarras soando ao longe na noite e também as últimas e suaves vibrações de sinos que acabaram de tocar. Era uma língua branda, mas igualmente precisa, ao mesmo tempo carinhosa e maldosa. Condição com o rosto magro, ossudo, do orador, com o seu nariz estreito, aquilino, no qual pareciam estar situadas as consoantes, sonoras e um tanto melancólicas. Nariz e boca eram, quando o Governador Civil falava, mais uma espécie de instrumentos de sopro do que partes do rosto. Salvo os lábios, nada se movia naquele rosto. As suíças escuras, que o senhor von Trotta usava como uma peça

⁴ O acompanhamento, os legumes que acompanham o prato. [N. T.]

de uniforme, como um distintivo, que deviam provar que ele fazia parte do pessoal ao serviço de Francisco José I, como uma prova das suas convicções dinásticas, pois também essas suíças permaneciam imóveis, quando o senhor von Trotta und Sipolje falava. À mesa, sentava-se direito como se segurasse rédeas nas suas mãos duras. Quando estava sentado, parecia que estava de pé, e cada vez que se levantava, surpreendia sempre a sua estatura erecta. Andava sempre vestido de azul-escuro, de Verão e de Inverno, aos domingos e dias de semana; um casaco azul-escuro e calças cinzentas listadas, que ficavam justas às suas pernas longas e eram bem esticadas por presilhas passadas em volta das botas de elástico polidas. Entre o segundo e o terceiro pratos, costumava pôr-se em pé, para «fazer movimento». Mas parecia sobretudo querer mostrar aos seus convivas como uma pessoa se levanta, está em pé e deambula sem renunciar à imobilidade. Jacques retirou a carne da mesa e recebeu um olhar rápido da menina Hirschwitz a avisá-lo de que mandasse aquecer o resto para ela. O senhor von Trotta dirigiu-se com passos comedidos até à janela, levantou um pouco a cortina e voltou para a mesa. Nesse instante, trouxeram os sonhos de cereja num prato grande. O Governador Civil tirou apenas um, cortou-o com a colher e disse à menina Hirschwitz:

– Isto, minha Senhora, é um modelo de sonho de cereja. Possui a necessária consistência, quando é cortado, e na língua, todavia, cede imediatamente. – E voltando-se para Carl Joseph: – Aconselho-te, hoje, a comer dois!

Carl Joseph tirou dois. Engoliu-os num ápice, ficou pronto um segundo antes de seu pai e bebeu um copo de água – pois vinho só havia à noite –, a fim de os empurrar para baixo, do esófago, onde ainda podiam estar presos, para o estômago. Dobrou, ao mesmo ritmo que o velho, o seu guardanapo. Todos se levantaram. A música, lá fora, tocava a abertura de Tannhäuser. Foi ao som dos seus toques sonoros que se encaminharam para a sala de fumadores, com a menina Hirschwitz à frente. Jacques levou lá

o café. Estavam à espera do senhor Nechwal, o chefe da banda. Este chegou, enquanto, lá em baixo, os seus músicos se formavam para a partida, em uniforme de parada azul-escuro com espada reluzente e duas pequenas harpas faiscantes, douradas, na gola.

– Estou encantado com o seu concerto – disse o senhor von Trotta, hoje como em todos os domingos. – Foi, hoje, absolutamente extraordinário.

O senhor Nechwal fez uma vénia. Já tinha comido, havia uma hora, na messe de oficiais, mas não tinha podido esperar pelo café puro e ainda sentia na boca o gosto da comida. Estava ávido de um charuto *Virginia*. Jacques trouxe-lhe um pacote de charutos. O chefe da banda aspirou longamente junto ao lume, que Carl Joseph manteve com firmeza diante da extremidade do longo charuto, correndo o perigo de se lhe queimarem os dedos. Estavam sentados em amplas cadeiras de couro. O chefe da banda falou da última opereta de Lehár em Viena. Era um homem mundano, o chefe da banda. Ia duas vezes por mês a Viena, e Carl Joseph desconfiava que o músico ocultava, no fundo da sua alma, muitos segredos do dúbio mundo nocturno da alta sociedade. Tinha três filhos e uma mulher «de origem modesta», mas ele próprio, separado dos seus, encontrava-se no mais pleno esplendor do mundo. Apreciava e contava anedotas de judeus com um gosto astuto. O Governador Civil não as percebia, tão-pouco se ria, mas dizia:

– Muito bem, muito bem! – Como está a senhora sua esposa? – perguntava regularmente o senhor von Trotta.

Havia anos que ele fazia essa pergunta. Nunca tinha visto a senhora Nechwal, também não desejava encontrar alguma vez a tal mulher «de origem modesta». À despedida, dizia sempre ao senhor Nechwal: «Apresente os meus cumprimentos à sua esposa, embora eu não a conheça!» E o senhor Nechwal prometia entregar os cumprimentos e assegurava que a sua mulher ficaria muito contente... «E como estão os seus filhos?», perguntava o senhor von Trotta, que se esquecia constantemente se eram filhos ou filhas.

«O mais velho aprende bem!», dizia o chefe da banda. «Vai, talvez, também ser músico?», perguntava o senhor von Trotta, com um leve desdém. «Não!», respondia o senhor Nechwal, «Mais um ano e entra para a Academia Militar.» «Ah! Oficial!», dizia o Governador Civil. «Está certo. Infantaria?» O senhor Nechwal sorria: «Naturalmente. Ele é aplicado. Talvez, um dia, entre para o Estado-Maior.» «Com certeza, com certeza!», dizia o Governador Civil. «Já se têm visto coisas dessas!» Uma semana depois, já tinha esquecido tudo. Uma pessoa não ia ficar com os filhos do chefe da banda na memória.

O senhor Nechwal bebeu duas pequenas chávenas de café, nem mais, nem menos. Com pena, esmagou o último terço do charuto *Virginia*. Tinha de se ir embora e não se podia sair com um charuto a fumegar.

– Hoje foi especialmente magnífico. Os meus cumprimentos à senhora sua esposa. Ainda não tive, infelizmente, o prazer! – disse o senhor von Trotta und Sipolje.

Carl Joseph bateu os calcanhares. Acompanhou o chefe da banda até ao primeiro patamar da escada. Depois voltou para a sala de fumadores. Postou-se diante do pai e disse:

– Vou passear, Papá!

– Certo, certo! Bom recreio! – disse o senhor von Trotta, acenando com a mão.

Carl Joseph saiu. Tencionava ir passear lentamente, queria deambular, provar aos seus pés que estavam de férias. Compôs-se, como se dizia na tropa, quando encontrou o primeiro soldado. Começou a marchar. Alcançou o limite da cidade, o grande edifício amarelo da Repartição de Finanças, que cozia pacatamente ao sol. O doce aroma dos campos veio de súbito ao seu encontro, e o cantar muito alto das cotovias. O horizonte azul estava limitado, a oeste, por colinas de um azul-acinzentado. Apareceram as primeiras cabanas rurais com telhados de ardósia e de colmo, vozes de aves de capoeira irromperam como fanfarras no silêncio estival. O campo dormia, envolto em dia e claridade.

Por detrás do terrapleno ferroviário ficava o posto da Gendarmeria, que era chefiado por um sargento. Carl Joseph conhecia-o, era o sargento Slama. Decidiu bater à porta. Entrou no alpendre escaldante, bateu, puxou pelo fio da campainha e ninguém respondeu. Uma janela abriu-se. A senhora Slama debruçou-se sobre os gerânios e gritou:

– Quem está aí? – Avistou o jovem Trotta e disse: – Vou já!

Ela abriu a porta do corredor, veio lá de dentro um cheiro a fresco e um pouco a perfume. A senhora Slama tinha deitado uma gota de aroma agradável no vestido. Carl Joseph pensou nos estabelecimentos nocturnos vienenses. Disse:

– O sargento não está cá?

– Está de serviço, Senhor von Trotta! – respondeu a mulher.
– Mas entre!

Carl Joseph estava, agora, sentado no salão dos Slama. Era uma sala avermelhada, baixa, muito fresca. Estava-se ali como num frigorífico. Os espaldares altos das poltronas estofadas eram constituídos por um entalhe de madeira com folhagem, decapada a castanho, que fazia doer as costas. A senhora Slama foi buscar limonadas frescas. Bebia golinhos delicados, mantendo o dedo mínimo esticado e uma perna cruzada sobre a outra. Estava sentada ao lado de Carl Joseph e voltada para ele, e baloiçava um pé, que estava preso numa pantufa de veludo vermelho, mas descalço, sem meia. Carl Joseph olhou para o pé, depois para a limonada. Não olhava na cara a senhora Slama. O seu boné estava posto sobre os joelhos, e os joelhos mantinha-os ele hirtos. Estava sentado, direito, diante da limonada, como se fosse uma incumbência de serviço bebê-la.

– Há muito tempo que cá não estava, Senhor von Trotta! – disse a mulher do sargento. – Está mesmo muito crescido! Já lá vão os catorze?

– Sim, senhora, já há muito tempo!

Ele pensou em sair daquela casa o mais depressa possível. Tinha de beber a limonada de um trago, fazer uma bela reverência,

mandar cumprimentos ao marido e ir-se embora. Olhou, desamparado, para a limonada, que não havia maneira de acabar. A senhora Slama pôs-lhe mais. E trouxe cigarros. Fumar era proibido. Ela própria acendeu um cigarro e aspirou-o, descuidadamente, com as narinas dilatadas, enquanto abanava o pé. De repente, sem dizer uma palavra, tirou o boné dos joelhos dele e colocou-o em cima da mesa. Depois meteu-lhe o seu cigarro na boca. A sua mão cheirava a fumo e a água-de-colónia, a manga clara do seu florido vestido de Verão reluziu diante dos olhos dele. Ele continuou cortesmente a fumar o cigarro, em cuja boquilha ainda se sentia a humidade dos lábios dela, e a olhar para a limonada. A senhora Slama tornou a meter o cigarro entre os dentes e foi pôr-se atrás de Carl Joseph. Ele teve medo de se voltar. De repente, as suas duas mangas reluzentes estavam em volta do pescoço dele, e o rosto dela assente sobre o cabelo dele. Ele não se moveu. Mas ouvia-se bater o seu coração. Uma grande tempestade rebentou dentro de si, desesperadamente contida pelo corpo petrificado e pelos firmes botões do uniforme.

— Anda! — sussurrou a senhora Slama.

Sentou-se no colo dele, beijou-o logo e fez-lhe olhos marotos. Por acaso, uma madeixa de cabelos loiros caiu-lhe sobre a testa, ela espreitou para cima e, afunilando os lábios, tentou afastá-la com um sopro. Ele começou a sentir nas pernas o peso dela, ao mesmo tempo que o percorria uma nova energia, que retesava os seus músculos nas coxas e nos braços. Abraçou a mulher e sentiu a frescura macia do peito dela através do tecido duro do uniforme. Uma leve risadinha irrompeu da garganta dela. Era um pouco como um soluçar e algo como um trinado. Ela tinha lágrimas nos olhos. Então inclinou-se para trás e começou, com meiga precisão, a desabotoar, um após outro, os botões do uniforme. Pousou uma mão fresca, terna, no peito dele, beijou-lhe a boca longamente, com um gozo sistemático, e levantou-se de repente, como se algum ruído a tivesse assustado. Ele pôs-se de um pulo imediatamente em pé, ela sorriu e puxou-o lentamente, andando às arrecuas, com

ambas as mãos estendidas e a cabeça deitada para trás, com um brilho no rosto, para a porta, que abriu empurrando-a para trás com o pé. Eles deslizaram para o quarto de cama. Como se não pudesse mover-se por estar agrilhado, ele viu por entre as pálpebras semicerradas que ela o despia, lenta, meticulosa e maternalmente. Foi com algum terror que se apercebeu de que peça após peça do seu vestuário de parada caía molemente no chão. Ouvia a queda surda dos seus sapatos e sentiu imediatamente no seu pé a mão da senhora Slama. A partir de baixo, uma nova vaga de calor e frescura subiu-lhe até ao peito. Recebeu a mulher como uma grande e branda vaga de enlevo, fogo e água.

Acordou. A senhora Slama estava em pé diante dele. Peça por peça, entregou-lhe a sua roupa; ele começou a vestir-se apressadamente. Ela correu ao salão, trouxe-lhe luvas e boné. Ajeitou-lhe o dólman. Ele sentia no seu rosto os seus olhares constantes, mas evitava olhar para ela. Bateu os calcanhares, ruidosamente, apertou a mão à mulher, mas olhando persistentemente para o seu ombro direito, e saiu.

De uma torre, soaram as sete horas. O Sol aproximava-se das colinas, que estavam agora azuis como o céu e mal se podiam distinguir das nuvens. Das árvores à beira do caminho brotava um doce aroma. O vento do final da tarde penteava as pequenas ervas nas encostas do prado, de ambos os lados da estrada; via-se como elas, a tremer, ondulavam sob a sua mão invisível, branda e larga. Em pântanos distantes, as rãs começaram a coaxar. Pela janela aberta de uma casinha dos arrabaldes, de um amarelo-vivo, uma mulher jovem olhava para a estrada vazia. Embora Carl Joseph nunca a tivesse visto, cumprimentou-a, rígido e cheio de respeito. Ela acenou com a cabeça, um tanto desconcertada e agradecida. Para ele, era como se só agora se tivesse despedido correctamente da senhora Slama. Esta mulher desconhecida e, no entanto, familiar, estava à janela como se fosse uma sentinela na fronteira entre o amor e a vida. Depois de a ter cumprimentado, ele sentiu-se outra

vez restituído ao mundo. Afastou-se com passos rápidos. A um quarto para as oito em ponto estava em casa e, pálido, breve e resolutamente como convém aos homens, anunciou o regresso ao seu pai.

Dia sim, dia não, o sargento tinha serviço de patrulha. Todos os dias vinha com um maço de processos ao Governo Civil. Nunca se encontrava com o filho do Governador Civil. De dois em dois dias, às quatro horas da tarde, Carl Joseph marchava para o comando da Gendarmaria. Às sete da tarde saía de lá. A fragrância que trazia consigo da senhora Slama misturava-se com os cheiros dos secos fins de tarde estivais e permanecia dia e noite nas mãos de Carl Joseph. Este tinha cuidado em não se aproximar mais do pai, à mesa, do que era necessário.

– Cheira aqui a Outono – disse o velho, uma noite.

Estava a generalizar. A senhora Slama usava, fundamentalmente, reseda.

Filho de humildes camponeses eslovenos, o jovem tenente Joseph Trotta torna-se subitamente herói nacional ao salvar a vida do imperador Francisco José no campo de batalha de Solferino. Elevado ao grau de capitão e agraciado com o título de barão, Joseph inaugura, deste modo, a nobre linhagem da sua família, cuja origem obscura se perderá nos livros de História. A partir desse momento, o destino dos Von Trotta espelhará o do próprio Império: Franz, o seu filho, torna-se comissário distrital e meticuloso funcionário de uma administração cujo falhanço não consegue compreender, e o seu neto, Carl Joseph, à imagem do avô, segue relutantemente carreira na Cavalaria, perdendo-se numa vida de indolência e futilidade, demasiado fraco para se rebelar contra os padrões que a família lhe impôs.

Retrato ficcional inigualável do declínio de um império e de uma inteira civilização através da história privada de uma família, *A Marcha de Radetzky* é, nas palavras do crítico Harold Bloom, «um dos romances mais soberbos, acutilantes e de leitura aliciante que a literatura alemã do século xx produziu».

«Grande elegia da Áustria dos Habsburgos, *A Marcha de Radetzky* é, sem dúvida, o melhor romance de Joseph Roth.»

J.M. Coetzee, Prémio Nobel de Literatura

ISBN 978-989-623-259-7
9 789896 232597



cavalo de ferro